

AS HERANÇAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

JUREMA OLIVEIRA¹

Gargalha, ri, num riso de tormenta,
Como um palhaço, que desengonçado,
Nervoso, ri, num riso absurdo, inflado
De uma ironia e de uma dor violenta².

A divisão do mundo em raças superiores e inferiores nasceu no século XV, fase em que o trânsito de povos de uma região para outra se intensificou, via comércio humano. Cabe ressaltar, no entanto, que não houve, como se costuma dizer, encontro de culturas, mas sim uma imposição de valores socioculturais de um povo sobre outro, vide a instauração do tráfico negreiro, gerando a dor violenta de que fala Cruz e Sousa na epigrafe de abertura.

Assim, a criação da categoria raça surge para respaldar o sistema escravocrata, que só serviu para sustentar ideologias e doutrinas que diferenciam os homens pelos seus caracteres físicos, religiosos, filosóficos, ideológicos, culturais e sua forma de estar no mundo. Os mentores destas ideologias e doutrinas foram os filósofos europeus, muitos dos quais mantêm ainda hoje sua autoridade entre os defensores das teorias racialistas. Estas teorias sustentam o ideal de um sistema social, político, ideológico e filosófico hegemônico em que brancos e negros foram submetidos, embora em condições desiguais, pois a comunidade negra não foi incluída de forma igualitária nesse projeto. Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização* (1992), nos expõe o contraste entre aqueles que dominam e os dominados. Nesse projeto totalizante colonial, os agentes negros trouxeram na bagagem seus ancestrais para resistir e encontraram vozes locais submetidas ao mesmo processo de violência com seus preceitos de resistência:

A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações

¹ Profª. Drª. da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes e pesquisadora da Fundação de apoio a pesquisa e inovação do Espírito Santo – Fapes.

² CRUZ e Sousa. “O acrobata da dor”. In: <https://www.escritas.org/pt/t/13184/acrobata-da-dor> Visitado em 02/02/2020.

econômicas; são também crentes que trouxeram nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer. Mortos bifrontes, é bem verdade: servem de agulhão ou de escudo nas lutas ferozes do cotidiano, mas podem intervir no teatro dos crimes com vozes doridas de censura e remorso [...] a Cruz vencedora do Crescente será chantada na terra do pau-Brasil, e subjugará os tupis, mas, em nome da mesma cruz, haverá quem peça liberdade para os índios e misericórdia para os negros. O culto celebrado nas missões jesuíticas dos Sete Povos será igualmente rezado pelos bandeirantes, que, unidos por seus capelães, irão massacrá-las sem piedade. Atenderá o Deus dos missionários e dos profetas pelo mesmo nome que o deus dos guerreiros e os fariseus? A questão nodal é saber como cada grupo em situação lê a Escritura, e interpreta, do ângulo da sua prática, os discursos universalizantes da religião (1992, p.15-16).

A memória ancestral dos negros nas Américas insere-se em uma narratologia migratória na qual a experiência do sagrado se caracteriza como resistência cultural dos grupos desterritorializados. De acordo com Leda Maria Martins:

Os africanos transplantados à força para as Américas, através da Diáspora negra, tiveram seu corpo e seu *corpus* desterritorializados. Arrancados de seu *domus* familiar, esse corpo, individual e coletivo, viu-se ocupado pelos emblemas e códigos do europeu, que dele se apossou como senhor, nele grafando seus códigos linguísticos, filosóficos, religiosos, culturais, sua visão de mundo. Assujeitados pelo perverso e violento sistema escravocrata, tornados estrangeiros, coisificados, os africanos que sobreviveram às desumanas condições da travessia marítima transcontinental foram destituídos de sua humanidade, desvestidos de seus sistemas simbólicos, menosprezados pelos ocidentais e reinvestidos por um olhar alheio, o do europeu. Esse olhar, amparado numa visão etnocêntrica e eurocêntrica, desconsiderou a história, as civilizações e culturas africanas, predominantemente ágrafas, menosprezou sua rica textualidade oral; quis invalidar seus panteões, cosmologias, teogonias; impôs, como verdade absoluta, novos operadores simbólicos, um *modus* alheio e totalizante de pensar, interpretar, organizar-se, uma nova visão de mundo, enfim (1997, p. 24-25).

Este esquema, durante a era escravocrata, realizou-se por meio da violência, isto é, o negro aceitava e se adaptava a sua condição de ser inferior ou era vítima das mais variadas formas de agressão, como a violação de seus direitos e de sua integridade moral e/ou física. A sociedade moderna criou conceitos, valores para inferiorizar a raça negra, que era vista como subalterna por não possuir cultura reconhecida pelos cânones

eurocêntricos. Como bem define Kwame Anthony Appiah, esta ideia contribuiu significativamente para o surgimento de uma ideologia racista e conseqüentemente geradora da marginalização e negação da cultura negra. Como se a raça negra não tivesse nada a oferecer ao mundo:

Cada uma das raças sócio-históricas tem uma “mensagem” para a humanidade, uma mensagem que decorre de algum modo, do propósito de Deus ao criá-las. A raça negra ainda está por entregar sua mensagem plena e, sendo assim, é dever dos negros trabalhar juntos – através de organizações raciais – para que essa mensagem possa ser entregue (APPIAH, 1997, p. 55).

Assim, pode-se dizer que a colonização instaurou princípios e valores pensados pelos teóricos eurocêntricos para dar legitimidade à escravidão – no passado -, e às formas de exclusão e desumanização de negro – na atualidade -, tanto nos países africanos como na diáspora negra das Américas, impedindo os negros de propagarem sua “mensagem”. Os códigos assim construídos dificultou ao longo dos séculos a elaboração de uma identidade negra que possa fazer frente aos desmandos desse grupo hegemônico. De acordo com Appiah, somente a união negra poderá ajudá-los a ‘entregar sua mensagem plena’. Cabe aqui uma pergunta: que aspectos básicos de resistência da comunidade negra precisam ser perpetuados para aniquilar a teoria racista que vigora na atualidade?

CONCLUSÃO

A cultura autóctone disseminada pelos africanos durante a escravidão nas Américas surge como base de resgate de uma imagem positiva do negro na diáspora e nos países africanos no seu processo de afirmação cultural, política e ideológica perante a cultura europeia. A herança africana presente nas várias comunidades diaspóricas pode ser a contribuição descrita por Appiah. Sendo assim, a auto definição do ser negro é a base para um enfrentamento com o Outro, o branco, porque, ao se afirmar e se assumir como negro na sua plenitude estará neutralizando o olhar, a construção imagética que o Outro faz dele. A especificidade da política e da ideologia antirracista só pode ser explicada pelos projetos políticos negros. Diante disso, se o conceito de raça é improdutivo, a implementação de políticas satisfatórias deve ter como agenciadores desse processo negras e negros, para que estes ocupem com destreza o cenário político-ideológico dos sistemas sociais em que estão inseridos. Cabe ao indivíduo negro construir redes de cumplicidade com seus pares e

desenvolver teorias sustentáveis que possam promover sua respeitabilidade e visibilidade, reafirmando, assim, sua supremacia originária, pois “não há dúvida de que todos os seres humanos descendem de uma população original (provavelmente, aliás, da África) e que, a partir dela, as pessoas se espalharam de modo a povoar o globo habitável”. (APPIAH, 1997, p. 65)

A valorização e o resgate da cultura negra torna-se uma chave bastante produtiva de reconhecimento dos valores rechaçados pela colonização europeia, pelo racismo e pelo imperialismo. A validação e afirmação de preceitos culturais negros, como bem define Gilroy em seu livro *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência* (2001) constitui um arcabouço de resistência à ideia de hegemonia pensada pelos ideólogos europeus. A música, a literatura, a filosofia, a matemática e as artes negras em geral podem fundamentar um projeto consistente e duradouro que ponha em evidência, na África, a cultura autóctone fundadora de uma tradição que se manteve, apesar dos ataques racistas, intacta nas bases, fora do alcance do discurso ocidental e na diáspora contribui para a formação de um arcabouço que contribuirá na história negra antirracista.

No caso do Brasil, destacam-se como formas de expressão da cultura negra o Samba, as Agremiações carnavalescas, o Jongo da serrinha, o Tambor de crioula, o Congo capixaba, as comidas, as casas dos cultos religiosos, a literatura negro-brasileira, entre outras formas tão vivas na memória do povo negro. O resgate da ancestralidade elemento fundador e propiciador de saberes e sabores silenciados pelo projeto colonial, nos países africanos e nas Américas, com a implementação de práticas racistas e imperialistas, viabiliza reflexões em diversos campos do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CRUZ e Sousa. “O acrobata da dor”. In: <https://www.escritas.org/pt/t/13184/acrobata-da-dor> Visitado em 09/05/2019.

GILROY, Paul. *Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: UCAM: Editora 34, 2001.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. (Coleção Perspectiva).

